

---

# CONTRIBUIÇÕES PARA O PENSAMENTO DO SUL <sup>1</sup>

*Francisco Aparecido Cordão*

*Mauro Maldonato*

A história recomeça a correr. Após décadas de globalização político-econômica e de racionalização técnico-científica, o planeta enfrenta questões cruciais pelo próprio destino. A humanidade, frente ao frágil equilíbrio na corda bamba entre múltiplas formas de vida, corre o duplo perigo da fragmentação e da homogeneização. A longa história da submissão da pluralidade da humanidade e do planeta aprisionada numa teologia racionalista — que pretende não só a unificação de todo o conhecimento no interior de uma ordem artificial, mas também a submissão a uma verdade absoluta e dogmática — produziu ídolos e valores de desculturação e de subalternidade.

Uma nova consciência planetária está emergindo e se desenvolvendo de maneira difusa em busca da liberdade. É um arquipélago de língua e cultura aberto de regiões linguístico-culturais que, para além do confinamento geográfico, são capazes de escutar-se, confrontar-se, acordar-se, deixando-se atravessar pela heterogeneidade, sem renunciar a si mesmo. Essa cultura da relação não é um humanismo de boas intenções, mas o *ethos* que perpassa a tradição ocidental e oriental; um *ethos* aberto à plena compreensão da conduta, dos ritos e das emoções do outro, cujos fundamentos são o respeito da dignidade da pessoa humana, os valores da pólis da Grécia Antiga e da cultura do renascimento — um *ethos* que habita entre homens livres e solidários.

As soluções que prescindem da multiplicidade da experiência humana e das infinitas formas de vida geram destruição da tradição e acentuam os conflitos das sociedades. Os indivíduos e a comunidade são os fundamentos da diversidade: isso vale para a Cultura, o Direito, a Antropologia, a Arte e tudo o mais. Pretende estabelecer a diversidade cultural nos planos ideológico, político e legislativo; significa fazer da harmonia natural das relações humanas um pesadelo real, muito além daquilo que os historiadores chamam hetero-gênese dos fins. Em outras palavras, uma diversidade cultural autêntica e exatamente oposta a uma diversidade normativa e prescritiva.

---

<sup>1</sup> Documento elaborado por Francisco Cordão e Mauro Maldonato na qualidade de relatores do Encontro Internacional para um Pensamento do Sul, evento que reuniu educadores e pesquisadores de treze países (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, França, Itália, México, Peru, República Dominicana, Senegal e Uruguai), convocados pelo pensador francês Edgar Morin e reunidos pelo SESC — Serviço Social do Comércio, no período de 14 a 17 de março de 2011, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

CORDÃO, Francisco Aparecido; MALDONATO, Mauro. Contribuições para o pensamento do sul. In: ENCONTRO INTERNACIONAL PARA O PENSAMENTO DO SUL, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2011. p. 90.

---

*Uma nova consciência planetária  
está emergindo e se desenvolvendo  
de maneira difusa em busca da  
liberdade.*

---

Nesse sentido, é necessário afirmar o princípio da unidade e da diversidade como elemento essencial da existência humana. Isso significa fazer uma crítica ao prejuízo identitário. Os desafios que temos pela frente nos solicitam, antes de tudo, a manter viva a crítica à “totalidade” em suas diferentes declinações, a manter vivo o amor pelas complexidades culturais, científicas e filosóficas, em radical contraste com o simplismo brutal que caracteriza os monismos. Uma ordem totalitária sempre será fundamentada no ódio pelas complexidades vivas, na destruição das minorias, na unificação forçada das diversidades, na nulificação dos indivíduos e no desprezo das vocações.

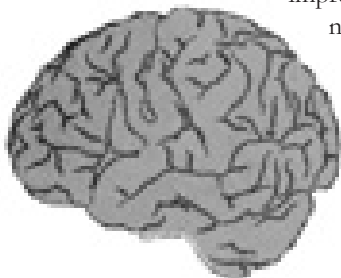
O abuso da razão no século 20 atingiu sua máxima expressão. Não é a razão, mas a moral humana que torna possível uma ordem difusa da interação humana. Somente somos livres em nossas metas se formos livres na escolha de nossos objetivos de vida. Nesse sentido, devemos pensar na economia como uma atividade a serviço da vida e da preservação do tecido vivo, e não ao contrário. Assim, devemos pensar a economia como uma gestão responsável, solidária e sustentável de recursos físicos, naturais, humanos e intelectuais. O caos natural

de uma ordem espontânea é, pela sua vitalidade, preferível ao “caos planejado” que destrói riquezas naturais e energéticas, institucionalizando o desperdício e o consumo desenfreado. A falsa ideia da democratização que, em nome da extensão dos direitos, tem reduzido a multiplicidade e a complexidade dos fenômenos econômico-sociais à exclusiva dimensão normativa provoca o silêncio do direito e contribui para alimentar e multiplicar conflitos. A multiplicação incessante da legislação tem produzido alterações e corrosões sistemáticas do ordenamento jurídico. Um conjunto de prescrições separado das mentes, das experiências e das emoções do homem. É um verdadeiro eclipse dos sentimentos. A ordem econômico-humana não pode ser reduzida somente ao mercado. Nisto vive uma ordem moral constituída da concorrência — que entre diferentes âmbitos gera mudanças positivas e permite a redução da desigualdade social e o aumento da solidariedade — que sempre aprimora a livre cooperação entre os homens, reconhecendo as diferenças individuais.

A evolução do mundo contemporâneo abriu novas possibilidades de liberdade individual, apesar de o sistema de instrução e organização burocrática — sistemas meramente quantitativos, estatísticos e uniformizadores — estar desencorajando os processos de fruição, de criação e de descoberta. É necessário repensar o conceito auto-eco-educação, que é parte de um pensamento educativo capaz de encontrar a natureza dos processos cognitivos presentes na evolução social.

O conhecimento é um caminho ordinário e extraordinário. A didática não pode evitar o pensamento. Deve confrontar-se com ele sempre. Sem um pensamento verdadeiramente pensante não há ensino e aprendizagem eficazes. Esta é uma questão decisiva, porque o futuro será o que são as escolas de hoje. O ensinante deve levar em conta que a informação só é instrutiva se vier acompanhada de uma sinapse estrutural entre dois sistemas cognitivos e emocionais: a do ensinante e a do aprendente (Morin, *A cabeça bem feita*). Nosso sistema educativo é propenso a gerar cidadãos previsíveis e conformistas, que amputam aquele estado interno que gera imprevisibilidade e novidade. Como

não ver que o mundo está mudando com uma velocidade sem precedentes? Mais uma vez, como não ver que uma escola estruturada sobre saberes técnico-utilitários representa uma resposta frágil aos gigantes problemas



mas que devemos enfrentar? A pretensão de um saber de base nivelado e uniforme se transforma num instrumento ineficaz. Para poder reger o estranhamento e o desraizamento de um mundo em permanente mutação é necessário que os saberes de base contenham perguntas que façam sentido.

O desafio da reforma do pensamento é o conjunto de problemas postos à convivência humana e de uma interdependência planetária que exige cada vez mais uma nova organização dos saberes, a fim de que mulheres/homens deste planeta enfrentem lucidamente os próprios destinos.

A civilização contemporânea se encontra numa curva difícil de sua história. A excepcional quantidade de informações que circulam se, de um lado, contribuiu para criar um mundo de “crescentes expectativas”, por outro lado tem enfraquecido a criatividade individual, transformando o conhecimento em simples curiosidade. O caminho difícil do conhecimento virou coisa do passado e se transformou numa simples passagem para

se conseguir mais rapidamente atingir um objetivo. A consequência disso é a desvalorização do conhecimento que, ao contrário, significa estar atento, abrir-se aos acontecimentos e à exploração do desconhecido. Pensar, conhecer e descobrir exige problematizar a evidência dos fatos: sempre existe um além, um passo à frente, algo mais para se conseguir. Este é o significado último da pesquisa para todos aqueles que se sentem obcecados pelo desejo do conhecimento e pelo prazer da descoberta.

Nas nossas instituições educacionais avança a perigosa armadilha da banalização da informação e do conhecimento. Essa banalização é

uma ardilosa armadilha que, embora disfarçada sob formas de uma simplificação às vezes necessária, tem penetrado nos mecanismos ordinários do ensinamento, achatando e tornando inútil o conhecimento. A tentativa de atenuar a inevitável fadiga do saber teve como êxito uma artificial autorreferencialidade institucional que nos conduz à separação de qualquer sentido possível. A vertiginosa expansão das liberdades individuais encontra diante de si um sistema educacional uniformizado e estandardizado que, com sua rigidez administrativa e o seu papel nada natural de “agências de socialização”, está nivelando o conhecimento por baixo, contaminado pela mediocridade, o que torna difícil a possibilidade de, a partir de uma pergunta viva, atingir um objetivo compartilhado.

Devemos, então, nos perguntar: para que deveria servir um ensinamento que banaliza quase tudo do pouco que é ensinado e absorvido? Mais do que isso: para que deveria servir a escola, com toda a ambiguidade da palavra servir, com seu duplo sentido de conhecimento básico, instrumental e funcional a serviço de qualquer coisa, em que a palavra *servir* assume o seu sentido verdadeiro? Até parece que ela tem como objetivo primeiro amputar

---

*Pensar, conhecer e descobrir exige  
problematizar a evidência dos  
fatos: sempre existe um além,  
um passo à frente, algo mais  
para se conseguir.*

---

aquelas experiências interiores que geram a imprevisibilidade e a novidade. O método de verificação da aprendizagem utilizado pelas nossas escolas mostra isso. A prova, na qual são feitas perguntas das quais já se conhece ou já está definida a resposta, é uma demonstração disso, com suas respostas previsíveis, que o estudante deve dar de cor. Trata-se de perguntas ilegítimas, e não verdadeiras. Devemos nos perguntar se não seria mais fascinante pensar num sistema educativo que tivesse como objetivo evitar a banalização dos estudantes, ensinando-os a fazer “perguntas legítimas e verdadeiras”, perguntas das quais, necessariamente, não se conhece previamente a resposta.

Uma escola com base no conformismo e em lugares comuns inevitavelmente corre o risco de se tornar uma escola servil, submissa a uma ideologia hegemônica, a um poder político, a qualquer certeza (doxa) e “verdade” preestabelecida. As raízes clássicas da escola dizem, ao contrário, algo muito diferente. A escola grega clássica, por exemplo, era um momento da vida consagrado ao início do conhecimento, um tempo separado da vida da cidade e do trabalho e que, por isso mesmo, era considerado de preparação para vida. Alguém pode questionar: aquele era um mundo aristocrático e exclusivo, não replicável na realidade do dia a dia de hoje. Talvez. Mas como não enxergar que a resposta a um tempo de revoluções científicas, culturais e tecnológicas se encontra na recuperação daquelas funções insubstituíveis? Como não enxergar que uma escola estruturada sobre conhecimentos técnico-utilitários é uma fraca resposta aos

---

*Uma escola com base no  
conformismo e em lugares comuns  
inevitavelmente corre o risco de se  
tornar uma escola servil, submissa a  
uma ideologia hegemônica*

---



gigantescos problemas do nosso tempo? Como não enxergar que, enquanto tudo muda numa velocidade sem precedentes, um conhecimento de base nivelado e uniforme se torna um instrumento velho e sem utilidade? Finalmente, como não enxergar que, para resistir ao choque desorientador e desenraizante de um mundo em permanente mudança os conhecimentos básicos devem conter perguntas que façam sentido e que desenvolvam a capacidade de aprendizagem autônoma e a contínua possibilidade de autoeducação?

Frente ao mundo homologado nos signos de um pensamento que deleta as diferenças e as singularidades, é imperativo interrogar qual o sentido de o homem habitar a terra. O pensamento do Sul é o pensamento da Mãria/Pátria, um pensamento geofilosófico do Sul, de sua identidade e de suas múltiplas raízes, que entende inaugurar um contra-movimento inspirado em valores universais do humanismo. A ideia é a mesma de civilização que solicita a cultivar as características de uma humanidade que não existe como ideia abstrata, mas sempre na pluralidade de agregações humanas que, cada vez de maneira única, habita tempos, espaços e lugares, conferindo-lhes um significado absolutamente singular. O pensamento do Sul pertence à nossa história e às nossas tradições. Ele não é um modelo e nem está imune a contradições. Mas, enquanto pensamento das origens e do berço da civilização quer reafirmar os valores e os direitos universais. Por um motivo ou por outro, terra, pátria, idioma, povo, raça tornaram-se palavras impronunciáveis. Sobre elas, por um bom tempo, projetou-se um longo cone de sombra. Hoje, no entanto, estão à espera de respostas nossas, respostas à altura da mudança histórica que estamos vivendo. Delas depende o amanhã da humanidade. Não há outras fronteiras a serem violadas, porque toda fronteira certa se dissolveu e com elas toda a integridade territorial. Talvez hoje, finalmente, pudéssemos reencontrar a capacidade de abrir as próprias fronteiras ao outro. Temos que esperar que o Sul saiba se pensar espaço onde a vontade de poder se converta e que ele, de construtor de utopias, saiba remontar uma visão mais clara do mundo. Quando isso acontecer o Sul poderá doar ainda aos seus futuros viandantes e a todo mundo aquela terra sem nostalgia a caminho da qual nos encontramos. Não é uma meta o que põe fim à busca. A meta está na própria busca. É nela que cresce o amor por aquilo que procuramos.

